

## O NASCER DUMA ESTRUTURA URBANA

Na segunda metade do séc. XIX, mais precisamente a partir de 1887, com a abertura da linha do Caminho de ferro Lisboa-Sintra, a área do actual concelho da Amadora conheceu um primeiro surto de urbanização. É certo que já existiam pequenos núcleos de casas à margem da Estrada Lisboa-Sintra, núcleos esses que tinham já uma vocação residencial e de serviços de apoio a viajantes e complementavam os núcleos rurais



*Antiga pedreira na Serra da Mina*



adjacentes, designadamente os de Carenque e A-da-Beja e as muitas Quintas que se haviam implantado aqui depois do terramoto de 1755.

Foi no entanto, o Caminho de Ferro a grande viragem no urbanismo local.

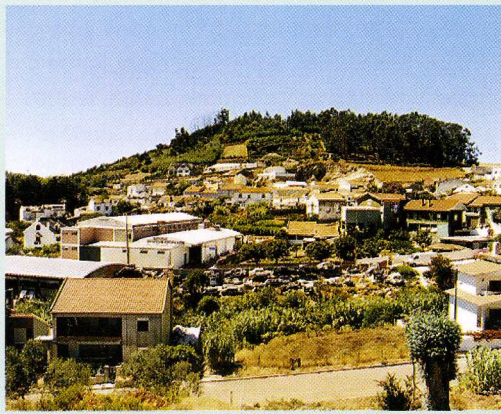
Primeiro construiu-se no Alto do Maduro – Porcalhota e depois a zona Amadora-Venteira.

Estes núcleos inicialmente separados, foram-se ligando através duma estrutura de ocupação linear.

No princípio do século apareceram as primeiras construções residenciais do tipo unifamiliar em que o Projecto do Grande Bairro do Parque da Mina foi pioneiro. O projecto prometia uma cidade-jardim que nunca conseguiu concretizar-se. Logo a seguir apareceu outro núcleo, desta vez no Bairro das Cruzes – Venda Nova.

Quando em 1916 a freguesia da Amadora foi criada, acentuou-se a noção de autonomia dum espaço potencialmente habitável e com promessas de futuro. Em 1919 instalou-se o Grupo de Esquadrilhas de Aviação República que veio dar origem a uma enorme zona militar, onde hoje ainda funciona a Academia Militar. Em 1931, instalou-se a primeira fábrica na Venteira – a Borrachas Industriais, S.A.- iniciando a demarcação duma zona industrial própria.

Dez anos depois, por volta de 1940, a população residente já havia duplicado e pode concluir-se que completara o primeiro ciclo do crescimento demográfico,



*Agglomerado urbano misto e confuso em A-da-Beja*

Entre os anos de 1939 e 1943, instalaram-se as grandes unidades industriais na Venda Nova. Todas tinham uma ligação directa ou indirecta ao Caminho de Ferro, embora não fossem transportadoras. Foram principalmente, a Sorefame, a Celcat, a Electroarco e a Cometna (onde hoje está instalada a Fábrica da Cultura), nas quais rapidamente se apoiaram outras âncoras oficiais e industriais que vieram a resultar no Parque Industrial da Venda Nova.

Estes núcleos empregadores, fizeram aparecer outras frentes urbanísticas nos terrenos desocupados na Mina, entre a Ribeira da Falagueira e a Estação do Caminho de Ferro.

O crescimento populacional foi notável. Se em 1930, a população rondava os 7.300 moradores, em 1940 são já



*Moinhos da Funcheira*

aquele que caracterizadamente dependeu do desenvolvimento das infra-estruturas de transportes na região. O núcleo da Amadora é já bem mais extenso e apareceram entretanto, os núcleos da Venda Nova, Damaia e Buraca.

Termina também o ciclo das casas arquitectonicamente pensadas para albergar uma só família que era, desde o início do século o ideal da urbanística. Apareceram os primeiros edifícios multifamiliares com 3 e 4 pisos, ainda que com a nota curiosa de manterem, uma relativa independência – casa de pisos – com jardim fronteiriço a separá-los dos arruamentos.



*Ribeira da Falagueira – aspectos da ocupação recente*

10.300 e em 1950, são quase 20.000, o que significa um crescimento nesta última década, da ordem dos 91%.

Este crescimento demográfico recente no que veio a tornar-se o concelho da Amadora, pode dividir-se em dois períodos, ou seja, até aos anos 50 e depois desta data.

Até meados dos anos 50, foi relativamente lenta a passagem duma população ainda em grande parte rural, para núcleos urbanos satélites das iniciativas industriais e quando isso se verificou, ficou a dever-se ao desenvolvimento das infra-estruturas de transportes na região. Mesmo assim, entre 1890 e 1950, registou-se um crescimento constante.



A partir de 1950, toda a região ficou sujeita a uma forte evolução demográfica, em grande parte devido aos chamados I e II Planos de Fomento, de que resultou a concentração do investimento na faixa litoral e em particular nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto.

Portugal era no seu todo, uma sociedade em profundas mutações de todas as índoles, apesar do esforço permanente em fazer com que tudo parecesse estar a regressar ao normal e ao habitual. Do ponto de vista económico, as mutações derivavam do facto de estar a arrancar definitivamente um plano de electrificação dos principais centros urbanos, que veio em grande parte tornar viável a industrialização que se iniciara já pelos anos 40.

Os chamados Planos de Fomento, em obediência às tendências gerais do capitalismo europeu, assentavam a sua estratégia na convicção de que bastava o crescimento do sector industrial, para provocar o desenvolvimento global do País. Cedo se verificou que não bastava, mas enquanto não se reconheceu que o abandono provocado do sector primário, levaria inevitavelmente à estagnação geral do desenvolvimento, vastas áreas do concelho foram ocupadas pelas fábricas e os campos foram abandonados, tal como o foram pelo País fora.

Por outro lado, entre 1950 e 1960, registou-se o impressionante fenómeno do "esvaziamento" geral de Portugal, em particular das suas áreas rurais, em benefício do litoral e da emigração externa. Nesse período, todos os Distritos, à excepção de Leiria, Lisboa, Santarém e Setúbal, viram a sua população reduzida substancialmente. Na década seguinte (60-70) os distritos de Lisboa e Setúbal, continuaram a crescer do ponto de vista demográfico.



Aspecto geral de Carenque



Brandoa

A fuga do mundo rural sobrepovoado e pobre, para os núcleos industrializados ou em vias de se tornarem industriais, foi particularmente acentuada nas regiões a norte do Tejo e nos Açores e Madeira, designadamente em Aveiro, Braga, Bragança, Castelo Branco, Guarda, Viana, Leiria, Viseu, etc.

Enquanto isso, verificava-se a entrada progressiva da população portuguesa, num regime demográfico classificado como "moderno" pelas tendências à baixa das taxas de natalidade e de mortalidade, donde se originava um relativo envelhecimento da população.

Taxas brutas de natalidade e mortalidade em Portugal			
	1949/52	1959/62	1969/72
Taxa de Natalidade	24,70	24,30	21,00
Taxa de Mortalidade	12,20	11,00	10,90

Registava-se igualmente um aumento da esperança de vida da população portuguesa, passando no caso dos homens, de 51,3 anos em 1950 para 58,4 anos em 1960 e, no caso das mulheres, de 55,8 para 67,1, respectivamente. Finalmente e porque se torna uma referência incontornável na história demográfica do nosso concelho, assistiu-se a uma explosão urbana que acompanhou e absorve parcialmente, os que fugiram do meio rural e do interior para os grandes centros do litoral. Este fenómeno particularmente notório na década de 60 e dele resulta que, em 1970, já 77% da população portuguesa vivia nos centros urbanos com 10.000 e mais habitantes. Por seu lado, os centros urbanos mais pequenos, entre 5.000 e 10.000 habitantes, aparentemente foram perdendo algum peso no conjunto da população urbanizada, em favor dos centros maiores. Foram especialmente notáveis os crescimentos verificados nas cidades do litoral, como Braga, Aveiro e Coimbra, as quais registaram crescimentos demográficos, entre 60 e 70, da ordem dos 20 a 30%.

No sentido inverso, Lisboa viu diminuir a sua população entre 1960 e 1970.



Mas a explosão urbana tornou-se mesmo espectacular nos subúrbios periféricos da grande Lisboa e do grande Porto. No caso de Lisboa, o quadro VIII (Mattoso, pág. 425), é particularmente elucidativo e não necessita de qualquer comentário.

Registe-se unicamente o crescimento populacional no nosso concelho que em 1950 tinha apenas 10.000 habitantes e vinte anos depois (1970) já tinha 67.000. É uma taxa de crescimento da ordem dos 264%, entre 1950 e 1960 e de 82%, entre 1960 e 1970.



Reboleira – aglomerado urbano, com forte densidade habitacional

A ausência de infra-estruturas habitacionais, de equipamentos sanitários e de transportes, acompanhou como é compreensível, toda esta explosão demográfica e veio agravar substancialmente as condições de vida na periferia dos grandes centros urbanos. No caso da Grande Lisboa, provocou o aparecimento de enormes bairros de barracas, estimulou brutalmente a construção clandestina, acentuou a falta de escolas e centros de saúde, viu degradarem-se todas as condições de vida, aumentar a prostituição e a criminalidade, provocou o

estrangulamento dos transportes e da rede viária, etc. No Grande Porto, o fenómeno foi idêntico.

«Com tudo isso, ocorreram igualmente importantes mudanças sociais, culturais e de mentalidade, que influenciaram decisivamente toda a história do período em causa. A proletarização nas indústrias, de grande parte da população rural chegada às cidades, o nascimento e a expansão de um moderno sector de serviços, a alfabetização progressiva, o maior acesso à educação, à cultura e aos meios de informação, as novas formas de sociabilidade – tudo isso fará da população urbana e suburbana nas principais cidades e nas áreas metropolitanas, sobretudo em Lisboa e nas margens norte e sul do Tejo, um agente de intervenção social e política de importância crescente». (Fernando Martins)

A grande explosão demográfica no concelho da Amadora, já foi referida e situa-se entre 1950 e 1970 e ficou a dever-se aos fortes fluxos migratórios, confirmando o reduzido peso do crescimento demográfico natural – saldo fisiológico entre nascimentos e mortes, como aconteceu não só aqui, como em toda a região metropolitana de Lisboa.

Foi só a partir da década de 70 que o fluxo migratório começou a diminuir, fazendo com que, entre 1970 e 1981, o crescimento demográfico no concelho se tenha ficado pelos 40,2%, enquanto em toda a região metropolitana de Lisboa a média ainda foi de 65%. Este abrandamento, correspondeu a uma deslocação do centro de gravidade do crescimento da Área Metropolitana de Lisboa, em direcção a uma segunda coroa de expansão, facto que se verifica por três ordens de razões:

- Porque se regista um elevado preenchimento e saturação nas malhas urbanas na periferia e na que podemos considerar, uma primeira coroa de expansão urbana da cidade, particularmente atingida pelo fluxo migratório, desde a década de 60.

- Porque se processou uma progressiva substituição na parte central de Lisboa, da função residencial para ocupação pelo sector terciário.

	50/60	60/70	70/78
Crescimento total da população da Amadora (em milhares)	29,5	65,8	40,2
Crescimento resultante da Imigração	28,2	60,8	31,10

- Porque aumentou progressivamente a capacidade de transportar mais gente para mais longe, facto que foi provocado não só pelo aumento da rede viária suburbana, como principalmente, pela criação do chamado passe social.

Isto explica como os maiores acréscimos populacionais passaram para as freguesias mais afastadas, mas

População residente na "Grande Lisboa" e respectiva taxa de crescimento

	1950	1960	1970	Taxa de crescimento	
				1950-1960	1960-1970
<b>Margem norte do Tejo</b>					
Lisboa	783 225	802 230	769 044	2,43	-4,14
Agualva-Cacém	-	7 169	14 580	-	103,52
Algés	9 826	14 517	18 388	47,74	26,67
<b>Alqueirão-Mem Martins</b>					
Amadora	9 970	36 331	66 189	264,40	82,16
Brandoa	-	-	12 543	-	-
Cascais	7 867	10 861	14 561	37,71	34,07
Damaia	-	7 293	17 243	-	136,43
Moscavide	8 810	22 065	21 647	150,45	-1,89
Odivelas	-	9 622	25 978	-	169,99
Pontinha	-	9 547	14 446	-	51,31
Queluz	6 108	14 703	25 913	140,72	76,24
Venda Nova	-	-	10 637	-	-
<b>Margem sul do Tejo</b>					
Almada	11 995	30 688	38 714	155,84	26,15
Baixa da Banheira	5 196	12 525	18 481	141,05	47,55
Barreiro	22 190	30 399	53 200	36,99	75,01
Cova da Piedade	-	15 270	21 004	-	37,55
Montijo	13 306	17 751	25 949	33,41	46,18



atravessadas por eixos viários e de transportes, caso das freguesias localizadas entre as linhas de Sintra e Cascais, onde os aumentos registados, foram da ordem dos 90% e 100%.

Explica igualmente, como essas freguesias foram especialmente preferidas pelos grandes construtores imobiliários, tanto legais, como clandestinos.

Em valores absolutos no entanto, é ainda a Amadora que recebe mais gente entre 1970 e 1981, logo seguida por Odivelas e por Carnaxide.